

Madeira ilegal tem métodos iguais aos do tráfico

Polícia Federal alerta para a necessidade de cooperação internacional

EDSON LUIZ

BRASÍLIA – Investigações feitas pela Polícia Federal comprovaram que os grupos que atuam na comercialização ilegal de mogno na Amazônia empregam os mesmos métodos utilizados pelo narcotráfico. Além disso, a movimentação financeira é superior a do tráfico de drogas em algumas regiões e o custo operacional, inferior ao do crime organizado. “Não estamos tratando com pequenos infratores, mas com uma máfia”, afirma o coordenador da área de crimes ambientais da PF, delegado Jorge Barbosa Pontes.

O problema ganhou maior proporção a partir da decisão do governo de impedir a extração, exportação e transporte de mogno, a chamada moratória, renovada há um mês pelo Ministério do Meio Ambiente, que organizou uma comissão para estudar a regulamentação de uma nova lei sobre o assunto. Atualmente, a madeira só pode ser explorada nos projetos de manejo autorizados pelo Ibama.


Mas foi a partir do ano passado, com a proibição, que a PF e o Ibama registraram um aumento na extração ilegal, principalmente no sul e no sudeste do Pará, onde está formado o que fiscais e policiais passaram a chamar de “Região do Meio”, e onde há uma grande concentração da madeira. É justamente aí, entre as cidades de Uruará, Altamira, São Félix do Xingu, Rendenção e Tucumã, que a máfia está agindo, conforme levantamento do serviço de inteligência da PF.

“A máfia está muito organizada, mas são poucos os grupos que estão atuando”, afirma o delegado Pontes. Pelas investigações feitas até agora pela PF, são cinco pessoas que comandam toda a extração ilegal, principalmente no Pará, com métodos semelhantes aos do crime organizado. “Eles usam laranjas, costumam também utilizar a violência, movimentam grandes fortunas e coagem os pequenos. Na verdade, são barões que estão encastelados e protegidos por uma sucessão de pessoas.”

Repasse – Segundo o trabalho feito pela coordenação de repressão aos crimes ambientais da PF, tudo começa nas aldeias e pequenas propriedades na floresta. Os madeireiros entram na região, trocam as árvores de mogno por produtos de primeira necessidade ou pagam um preço irrisório. Em seguida, a madeira é repassada para outra pessoa, normalmente um sitiante que fica encarregado de tirar as toras até o igarapé ou rio mais próximo.

“Normalmente, os integrantes desses grupos não se conhecem, apesar de alguns morarem próximos. Esta é uma regra entre eles”, afirma Pontes. A partir da retirada da madeira, elas são marcadas em lotes. “Eles usam o que chamamos de *pool*, que são os sinais feitos pelos traficantes nas embalagens das drogas para identificar a qualidade e a procedência do produto.” As investigações também mostraram que índios, seringueiros e ribeirinhos estão sendo hoje o principal alvo da máfia. “A alegação é de que não existem alternativas para essas pessoas, o que não é verdade. Apenas meia dúzia de pessoas se beneficiam.”

A partir do momento em que a madeira sai da floresta, outro grupo é encarregado de levá-la até as serrarias, muitas vezes escoltado por homens fortemente armados. Há um mês, a PF conseguiu apreender quase 7 mil metros cúbicos de mogno em uma madeireira

INSTITUTO	
	
Documentação	
Fonte	ESP (geral)
Data	6/10/2002 Pg #9
Class.	405

clandestina, às margens do Rio Xingu, em São Félix do Xingu. Somente este ano, o Ibama encontrou 13 mil metros cúbicos na região do sul e do sudeste do Pará.

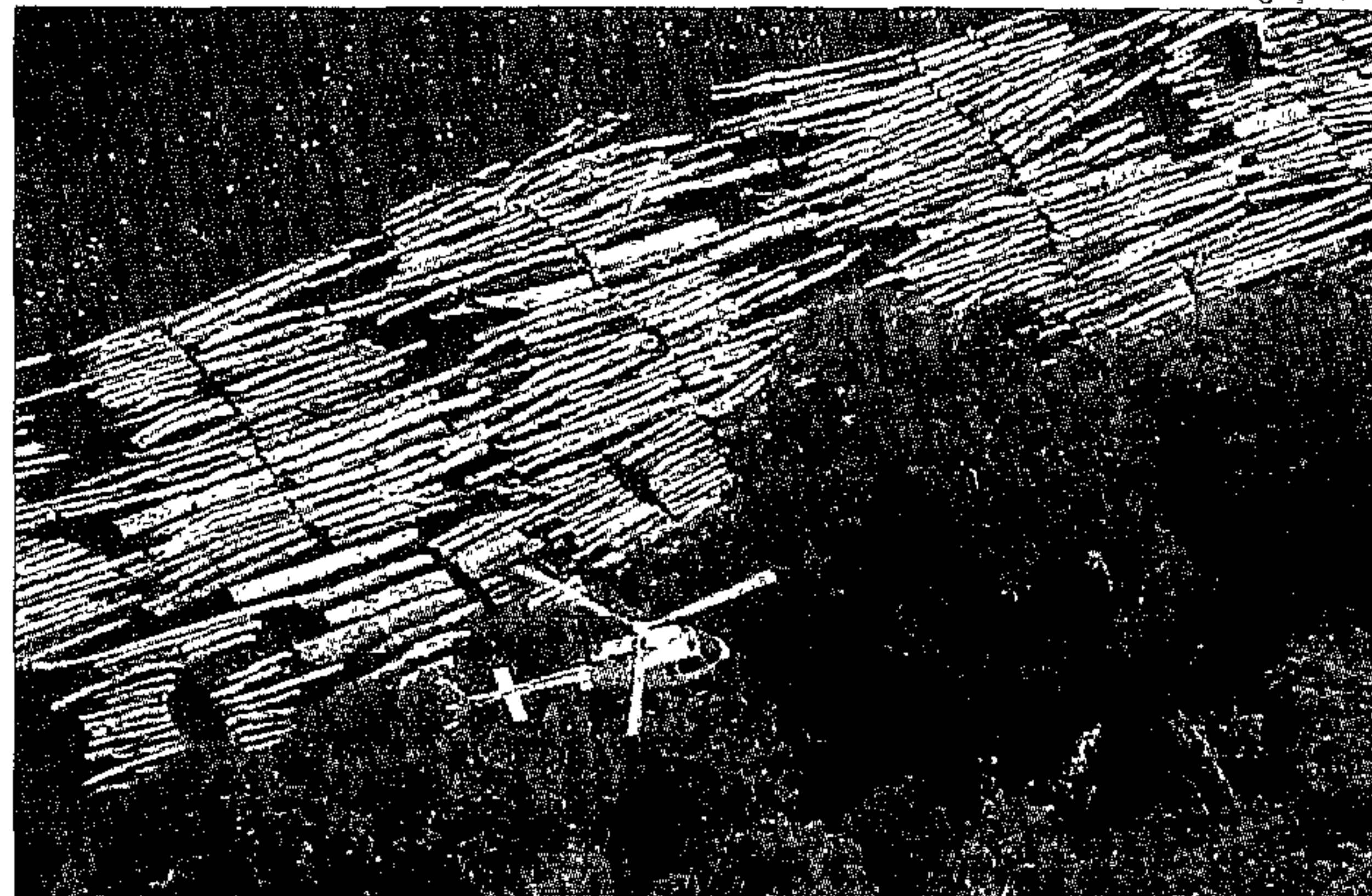
Das serrarias, de onde sai acobertada com notas frias, a madeira processada é levada de caminhão para os portos de Belém, Barcarena, Santarém e Vigia, no Pará, e Paranaguá, no Paraná, onde conseguem guias de importação e seguem para o ex-

terior. “Apesar de atuar como uma máfia, os grupos de traficantes de madeira não têm a mesma punição que os integrantes do narcotráfico.

A lei para eles é branda, absolutamente ridícula”, afirma o delegado Pontes. “Além de aprimorar e tornar a lei mais dura, é necessário que os países importadores se conscientizem da necessidade de verificar a origem do mogno. Somente assim acabaremos com a máfia.”

RISCOS MENORES QUE OS DAS DROGAS

zem da necessidade de verificar a origem do mogno. Somente assim acabaremos com a máfia.”



Divulgação/PF

Mogno apreendido pela PF em São Félix do Xingu, no dia 5 de setembro, em operação conjunta com o Ibama. O valor total da madeira foi estimado em R\$ 21 milhões

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Documentação

Fonte: *ESP (geral)*

Data: *6/10/2002* Pg *49*

Class.: *405*